

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea, que reúne trabalhos de estudiosos de algum modo ligados à trajetória acadêmica de Francisco da Silva Borba, constitui uma homenagem a esse professor e pesquisador que, desde muito jovem, se destacou entre os lingüistas que desenvolveram trabalhos nas nossas universidades, colocando-se não apenas entre os pioneiros dessa ciência no Brasil, mas especialmente entre as eminências da área.

A homenagem

Reúnem-se neste volume vinte estudos, que se desenvolvem em campos a que, em sua história de pesquisa, o nosso homenageado se aplicou: de um lado, vários subcampos que podemos abrigar sob a denominação de “teoria e análise lingüística”; de outro lado, a lexicografia.

O primeiro grupo de trabalhos trata de lexicografia, especialidade em que há cerca de vinte anos tem trabalhado Francisco da Silva Borba, com sua equipe formada na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Câmpus de Araraquara. O suporte das duas grandes obras já compostas (*Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*; São Paulo: Editora UNESP, 1990; *Dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil*; São Paulo: Ática [no prelo]) é, na verdade, uma lexicogramática, que busca o resultado de sentido nos arranjos efetivamente organizados pelo usuário da língua.

Da equipe faz parte Sebastião Expedito Ignácio, que colabora com o artigo “Palavras lexicais num dicionário de usos”, no qual discute as técnicas utilizadas na organização de verbetes num dicionário de usos, mostrando que, numa obra desse tipo, a definição lexicográfica, a taxonomia e a descrição gramatical das palavras lexicais se fazem com base

semântico-funcional, levada em conta a estrutura argumental das palavras na sua função predicativa.

A lexicógrafa Maria Tereza Camargo Biderman, no artigo “Aurélio: sinônimo de dicionário?”, após apresentar as atividades lexicográficas de A. B. de Holanda Ferreira anteriores à elaboração de seu famoso dicionário, examina algumas críticas feitas ao dicionário conhecido como *Aurélio*, buscando mostrar a pertinência de tais críticas, relacionadas à nomenclatura (critérios de seleção das palavras-entrada), à microestrutura dos verbetes (particularmente a definição e a ordenação das acepções em palavras polissêmicas), aos critérios de discriminação de palavras homônimas.

Dino Preti, no artigo “Dicionários de gíria”, discute uma tipologia desses dicionários e as principais dificuldades encontradas para a sua elaboração. Oferece, antes, uma introdução sobre o aparecimento da gíria em vários países e apresenta alguns subsídios para a sua história, no Brasil.

Na área de análise do discurso, Diana Luz Pessoa de Barros e Eni Pulcinelli Orlandi também colocam o dicionário como objeto de análise.

Diana Luz Pessoa de Barros apresenta o texto “O discurso do dicionário”, que examina o dicionário como um discurso, procurando apontar as relações que se estabelecem entre os efeitos de sentido que o dicionário produz em nossa sociedade e as estratégias discursivas que ele emprega, bem como mostrar o universo semântico-cultural que o dicionário revela e as imagens de norma e de língua que constrói.

Eni P. Orlandi trabalha a chamada “Lexicografia discursiva”, concentrando atenção nas relações intertextuais e interdiscursivas na produção do efeito de completude. O que se põe em questão não é a função do dicionário, mas seu funcionamento na relação do sujeito com a língua, considerando-se que compreender como o dicionário funciona é compreender como são praticadas as políticas da língua, especialmente a língua nacional em sua necessidade de unidade.

Liga-se ao trabalho lexicográfico, ainda, o texto “A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambigüidades”, de Maria Helena de Moura Neves. Ele reflete sobre o valor polissêmico dos verbos modais em português, estudando os licenciamentos de interpretação conferidos pela predicação modalizada com verbos modais, com vistas, particularmente, à tarefa de elaboração de dicionários.

A modalização dos enunciados é o foco de outros dois textos, o de Ataliba Teixeira de Castilho e o de José Luiz Fiorin.

Ataliba Teixeira de Castilho, no seu trabalho “O modalizador *realmente* no português falado”, que se integra no Projeto “Gramática do português falado”, descreve os advérbios qualificadores, os quais, com os modalizadores e os quantificadores, compõem o quadro dos advérbios predicativos, que dão uma contribuição ao sentido da classe-escopo. Aponta que vários desses itens são descritos como advérbios modais na gramática tradicional, uma solução pouco satisfatória.

No texto “Modalização: da língua ao discurso”, José Luiz Fiorin, com base na semiótica francesa, mostra os critérios de estabelecimento das modalidades de base, verificando como elas se manifestam em português. A modalização é analisada como procedimento discursivo, isto é, como o estabelecimento, no texto, de percursos modais, instituídos a partir de compatibilidades e incompatibilidades das modalidades. Defende-se a utilização de um procedimento hipotético-dedutivo para estabelecer as modalidades de base, aquelas organizadas por procedimentos dedutivos independentemente dos lexemas modais das línguas naturais.

Outros processos de constituição do enunciado são examinados nos quatro artigos seguintes.

Sanderléia R. Longhin e Rodolfo Ilari apresentam “Uma leitura hallidayana das sentenças clivadas do português”, onde discutem os critérios que, segundo Halliday, explicam as estruturas “identificadoras” e “predicativas” que, juntas, dão conta do universo das *cleft sentences* do inglês. Mostram que esses critérios parecem válidos para as cinco formas de sentenças clivadas do português e, além disso, permitem levantar hipóteses para a compreensão dos processos que originaram as sentenças clivadas.

Clóvis Barleta de Moraes, no artigo “Orações entrelaçadas”, trata de períodos de três orações das quais a segunda, aparentemente introduzida por um pronome relativo, é na verdade uma oração “solta”, principal da última, que por isso tem duplo valor, geralmente adjetiva e substantiva. Considera que essas construções, embora tenham existido em latim e sobrevivido nas línguas românicas, e embora sejam, em português, conhecidas nos três períodos da língua, receberam pouca atenção de nossos gramáticos e professores.

Roberto Gomes Camacho escreve sobre “Construções passiva e impessoal: distinções funcionais”, buscando dar uma caracterização funcional à diferença morfossintática entre as construções passiva e impessoal do português falado. A base é Givón, para quem a caracterização tipológica da passiva, necessariamente escalar e não-discreta, envolve os domínios funcionais da atribuição de tópico, da impessoalização e da detransitivização.

No texto “Da conversação à gramática: a natureza do aposto”, Lygia Corrêa Dias de Moraes observa a ocorrência do aposto na língua falada, procurando definir a natureza desse elemento, bem como a função que ele tem tanto na estrutura da frase quanto na da conversação.

Tratam questões do léxico os três artigos seguintes.

No artigo “Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica”, Ieda Maria Alves analisa, da ótica da terminologia, os conceitos de polissemia e de homonímia. Para tanto, expõe, inicialmente, o desenvolvimento da terminologia como prática, seu advento como disciplina e a maneira pela qual as várias vertentes terminológicas têm tratado as relações semânticas de caráter polissêmico e homonímico. Apresenta, a seguir, ocorrências de relações polissêmicas e homonímicas em algumas áreas de especialidade, explicando as causas do emprego dessas relações.

Beatriz Nunes de Oliveira Longo escreve sobre “Nomes atributivos no português brasileiro falado”. Apresenta os resultados do estudo de um *corpus* do português brasileiro falado em que ocorrem nomes em função adjetiva, discutindo as propriedades sintático-semânticas desses nomes e algumas condições que favorecem ou inibem seu emprego.

Maria Célia de Moraes Leonel, com orientação teórica centrada, sobretudo, nas propostas de H. Geckeler e nas de J. Lyons, examina o campo lexical da palavra *faca* e de outros lexemas que se referem às armas brancas em *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa. O que se tem em vista são os significados dos vocábulos no universo de sentidos do romance.

Sobre a construção textual escreve Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento. Seu texto “A construção de ‘casas’” parte do pressuposto de que construir um texto é operar com os mecanismos da denominação e da definição, e procura demonstrar como Rubem Braga funda o microuniverso da crônica “Casas”, permitindo que o “saber” instaurado pelo produtor passe para o receptor da mensagem.

Ligado à consideração normativa da atuação lingüística é o trabalho de Francisco Platão Savioli, “Nem tudo o que escandaliza é aberração: *‘error communis facit jus’*”. Ele parte da consideração do fato de que o tema do certo e do errado, tratado com menosprezo pelos lingüistas, é altamente valorizado pelos usuários do idioma em geral, o que constitui um paradoxo cujo fundamento pode provir da duplicidade do ponto de vista com que se considera a língua: como código, de um lado, e como fato social, de outro. Observa que o silêncio do lingüista nessa questão abre espaço para vozes menos credenciadas, o que evidencia a

necessidade de uma abordagem da correção lingüística que se faça com método e rigor científico.

Beth Brait, no seu artigo “Imaginário e ensino dentro e fora da sala de aula”, discute questões ligadas ao ensino de língua, dentro e fora da sala de aula, com o objetivo de salientar a concepção de linguagem que, ao multiplicar as formas de acesso ao que num determinado momento se considera a “verdadeira” língua, muitas vezes se distancia das formas vivas insinuadas nos diferentes usos. Considerando essencial que se leve em conta a complexidade constitutiva da natureza lingüística, o trabalho afirma que a temática do imaginário lingüístico serve de ponto de partida para especificar o que nele se entende por “ensino de língua dentro e fora da sala de aula” num contexto brasileiro contemporâneo.

Leticia Rezende escreve sobre “A indeterminação da linguagem: léxico e gramática”, opondo dois modos de estudar os fenômenos lingüísticos: um estático, no qual a proposta de que a linguagem é determinada e o conceito de sintaxe dela derivado separa léxico e gramática; um dinâmico, no qual a natureza indeterminada da linguagem e o conceito de hipersintaxe dela derivado articulam léxico e gramática. Defendendo que o enfoque dinâmico pode dar origem a um modo diferente de observar os fenômenos lingüísticos em geral, o texto mostra, em particular, a importância dessa perspectiva para o ensino de línguas.

“Dificuldades prosódicas em sujeitos cérebro-lesados” é o título do estudo de Ester Mirian Scarpa, que trata dos distúrbios prosódicos da afasia e da disartria, os quais, na literatura da área, têm sido vinculados à questão da lateralização da lesão e, conseqüentemente, do processamento lingüístico. Observa-se, porém, que contra-evidências a hipóteses de lateralização hemisférica, bem como a contribuição de teorias prosódicas recentes, têm mostrado que essa divisão estrita deve ser revista. Um estudo comparativo realizado com dois sujeitos, um afásico e um disártrico, mostra que o conceito de prosódia usado na literatura é inadequado e que os domínios prosódicos superiores da hierarquia prosódica se encontram preservados, em graus variados, tanto em afásicos (lesão esquerda) quanto em disártricos (lesão frontal ou direita).

O homenageado

De origem humilde, fato do qual sábia e humildemente sempre se jacta, o nosso homenageado é um exemplo de profissional que a comunidade coloca entre os seus representantes cativos, lídimos, naturais. Pro-

fessor, acima de tudo – para toda a cidade, ele é o *Professor Borba!* –, Francisco da Silva Borba passou a vida explicando lições, mandando resolver exercícios – e, note-se: *corrigindo* as resoluções e respostas –, fazendo ler e refletir, ensinando a encarar com seriedade os estudos. Autor de sucesso, Borba teve seu nome de tal modo associado a uma obra que virou nome de livro, não apenas pelo pioneirismo que fez do seu *Introdução aos estudos lingüísticos* (1ª edição em 1971) o *vademecum* dos estudiosos de Letras da época, mas, ainda, por qualidades como a amplitude dos temas, o equilíbrio da organização e a leveza do estilo, que fizeram desse livro, a partir de então, o recurso primeiro para estudiosos de lingüística, em língua portuguesa.

Foi assim que, presente na formação de mais de uma geração de estudantes de Letras, Francisco da Silva Borba tornou-se figura respeitada por alunos e ex-alunos (ou “sempre alunos”), e também pelos colegas, todos beneficiários de seu trabalho e de suas produções na área de lingüística. Nessa qualidade é que aqui estamos, prestando-lhe nossa homenagem.

Depoimentos de ex-alunos feitos a esta organizadora lembram sempre dedicação e esforço. Para Eni Orlandi, por exemplo, o professor Borba foi um modelo nunca esquecido: era o jovem professor que ela via – para sua surpresa – estudando horas e horas na biblioteca da Universidade. Para mim, particularmente, era o professor que não se contentava nunca com as produções dos alunos, por mais cuidadas que fossem, e exigia sempre mais, sempre adiante, sempre melhor. Apesar disso, era o interlocutor sempre presente para a discussão de pontos que se prestavam a polêmica.

Dos colegas, a atitude sempre revelada é a de admiração pela combatividade e pela seriedade. Para o colega e amigo Sebastião Expedito Ignácio, Francisco da Silva Borba é uma das “pessoas que, pelo talento, pela dedicação aos estudos, pela capacidade de produzir o saber, pela predisposição em colaborar com o desenvolvimento da ciência e em promover o crescimento das pessoas, enfim, pela capacidade de trabalhar em prol do engrandecimento das instituições, se tornam emblemáticas”.

Encerra-se, afinal, esta apresentação com o depoimento de Ataliba Castilho, colega e amigo de muito tempo, em palavras que, sem pieguice, tocam qualidades pessoais do homenageado que não poderiam deixar de ser mencionadas, ao mesmo tempo que ilustram a disposição com que todos entraram nesta homenagem:

No final dos anos 50, o governo de São Paulo iniciou um movimento de interiorização das atividades econômicas e educacionais do Estado, até então excessivamente concentradas na capital. Um dos resultados desse

movimento foi a criação dos Institutos Isolados de Ensino Superior, que se associariam em 1975, dando origem à terceira Universidade oficial de São Paulo, a UNESP.

Muitos licenciados recém-formados pela USP foram chamados a ocupar os novos postos de trabalho, em que encontrariam alguns colegas já mais experimentados. O Borba foi nomeado para a Faculdade de Filosofia de Araraquara, e eu, para a de Marília.

Ambos novatos, iniciamos logo uma troca de correspondência bastante extensa, em que discutíamos as possibilidades de ensino e pesquisa que se apresentavam. Essa correspondência não foi interrompida quando ele seguiu para a França, em busca de maiores conhecimentos em lingüística, de que me contava as novidades.

Preocupado com a instalação da disciplina de Lingüística em nossos cursos de Letras, apoiou entusiasticamente minha idéia de fundação do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo (GEL). Concorremos à primeira diretoria, que ficou assim organizada: Cidmar Teodoro Pais (secretário), Francisco da Silva Borba (tesoureiro) e eu de presidente. Com seu modo decidido, promoveu logo o I Seminário da nova associação, em sua Faculdade de Araraquara, então localizada no prédio do Instituto de Educação, no centro da cidade. Sem esse apoio, a entidade poderia não ter decolado. Pois a semente do I Seminário foi tão bem plantada que nunca mais o GEL deixou de realizar encontros científicos. Devemos ao Borba esse "pontapé inicial na bola".

Procurou também dotar a lingüística de material bibliográfico de referência, escrito em português. Escreveu um manual de introdução aos estudos lingüísticos, cujos originais me mandou para uma leitura crítica, seguido de trabalhos em sintaxe e em terminologia lingüística. Ao mesmo tempo, promovia pesquisas de caráter monográfico, como sua descrição das preposições, infelizmente ainda inédita. Essas primeiras publicações revelavam sua preocupação com o preparo individual e com a consolidação da ciência, então uma novidade entre nós, salvos alguns centros pioneiros.

Mas a atuação científica mais decisiva do Borba se deu na organização de projetos coletivos de pesquisa. Nesse domínio, ele fez sua estréia no Projeto NURC, como convidado pelo Prof. Salum a ajudar na implantação desse projeto em São Paulo. Ele acompanhou os primeiros seminários, ajudando-nos no planejamento da pesquisa na área de fonologia. Passado pouco tempo, organizou com seus colegas de Araraquara um ambicioso projeto de que já resultou um vasto banco de dados, o *Dicionário gramatical de verbos*, a que se seguirão o *Dicionário de usos do português* e a *Gramática de usos do português*, esta preparada por sua principal colaboradora, a Profa. Maria Helena de Moura Neves. De novo aqui se identifica sua visão estratégica sobre as ações a tomar, voltadas neste caso para a condu-

ção de pesquisas básicas, como é o caso das obras de referência, sem as quais as ciências não decolam.

Mas a lingüística não conseguiu esgotar sua capacidade de trabalho. Como diretor da Faculdade de Filosofia de Araraquara, construiu seu novo câmpus, e, mais recentemente, criou e construiu a sede de uma entidade voltada para a educação de crianças autistas.

Esta miscelânea de estudos é um reconhecimento dos lingüistas brasileiros pela importância de seu papel na implantação e na consolidação da ciência entre nós. Mas é também o testemunho da amizade que o Borba soube inspirar e cultivar entre seus colegas, sempre com seu invariável bom humor e gosto pela vida.

Sem pretender que esteja sendo paga uma dívida da Universidade com esse batalhador que é o Prof. Borba, ficamos, entretanto, ao final deste empreendimento, com a grata sensação de que, pelo menos, dissemos alguma coisa a respeito dessa nossa dívida. Já não sem tempo, fica feita a confissão.

Maria Helena de Moura Neves